

A Imprensa e as representações da cidade O noticiário de cultura nos anos setenta

Christina Ferraz Musse¹

Resumo: Investigação sobre como os meios de comunicação representam o espaço urbano e possibilitam a criação de vínculos de identificação entre a população e o lugar. Estudo de Juiz de Fora / MG, uma cidade de fronteira, entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro, com características não muito definidas, na década de 1970, verdadeiro ponto de inflexão na cronologia do local, quando se acelera o processo de modernização e descaracterização da até então conhecida, por sua vocação industrial, “Manchester Mineira”. Processo este que, hoje, impõe à cidade novas questões, dentre elas, o desafio de afirmar sua identidade no cenário da globalização.

Palavras-chave: identidade; memória; jornalismo

Abstract: Inquiry on how the mass media represent the urban space and contribute to create identity links between people and territory. The object is Juiz de Fora, a frontier city between the states of Minas Gerais and Rio de Janeiro, Brazil, whose characteristics are no longer clear. The decade chosen is the 1970's, a turning point of the accelerating modernity process and the beginning of the indistinction of a city once called, on account of its industrial vocation, “Manchester from Minas Gerais”. This process brings new questions today, especially that of the city's identity in the global world.

Keywords: identity; memory; journalism

Identidade e memória

No cenário da globalização, muitos pesquisadores têm se debruçado sobre a tarefa de discutir o espaço local. Frente à grave crise pela qual passa o Estado-nação e suas instituições, cabe-nos questionar quais seriam as novas formas de produção da localidade. Segundo Appadurai, localidades são “...mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados...”². Qual seria, então, hoje, o status da localidade, frente àquela disposição global contemporânea, denominada por Hardt e Negri de Império, no sentido da “nova forma de soberania que sucedeu a soberania do Estado-nação, uma forma ilimitada de soberania que não conhece fronteiras, ou melhor, conhece apenas fronteiras flexíveis e

¹ Professora assistente IV do Departamento de Televisão e Rádio (Faculdade de Comunicação / UFJF). Doutora em Comunicação e Cultura (Eco / UFRJ).

² APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. Novos estudos, São Paulo: Cebrap, n. 49, nov. 97. p. 34.

móveis”³? Será que, para além de toda a anunciada homogeneização do mundo e de toda temível reação fundamentalista, poderemos pensar, à maneira de Hall, que a contemporaneidade nos traz ainda, dentre outras, uma terceira possibilidade, aquela de uma identidade e/ou cultura híbrida⁴?

Para Hall, existem, no mínimo, três contratendências principais à homogeneização cultural, na contemporaneidade: primeiro, a globalização, na verdade, explora a diferenciação local, no sentido, por exemplo, da criação de nichos de mercado, na mercantilização da etnia e da “alteridade”; segundo, a globalização é muito desigualmente distribuída sobre o globo terrestre, entre regiões diferentes e grupos de população diferentes dentro da mesma região e, finalmente, a globalização retém aspectos da dominação global ocidental, mas a forma e a intensidade como ela influi no resto do mundo é variável, isto é, seu efeito na “periferia” é mais lento e desigual⁵.

Quando analisamos o fenômeno das migrações, vemos que à exportação de um estilo ocidental, corresponde, em sentido inverso, um movimento intenso da periferia para o centro. “Esta formação de ‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma ‘pluralização’ de culturas nacionais e de identidades nacionais”⁶. Além da pluralização das identidades nacionais, temos outras possibilidades, também estudadas por Hall, de um fortalecimento de identidades locais e da produção de novas identidades. No primeiro caso, teríamos, por exemplo, o crescimento do fundamentalismo, nos países de origem islâmica, e de movimentos extremistas, em toda a Europa Ocidental. No segundo caso, a produção de novas identidades, resultado de um processo de troca, intercâmbio, ao qual o autor chamou de “culturas híbridas”⁷.

Teixeira Coelho aponta para a contribuição do pós-modernismo para o tema da identidade. Segundo ele, o pós-modernismo combate “a paranóia da busca idealista da identidade nas famosas ‘raízes’ ao sugerir que a identidade é um conjunto vazio passível de ser preenchido de variadíssimas formas, na esfera da sociedade e do indivíduo”⁸. Desta forma, o que interessa não é uma identidade única e imutável, mas a identidade múltipla e mutante, instável e transformadora.

Beatriz Jaguaribe acredita também que instabilidade e incerteza estão no bojo da complexa construção identitária contemporânea:

Entretanto, ao lado do desgarramento, implosão e invenção do mundo pelo consumo, tecnologia e novos imaginários, existem âncoras de estabilidade que marcam as feições permanentes do “estar em casa”. Fortalecido pela memória, convívio social, formas de interação personalizada, esse “estar em casa” não é somente

³ HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. Globalização e democracia. PACHECO, Anelise, VAZ, Paulo (orgs.). Vozes no milênio: para pensar a globalização. Rio de Janeiro: Gryphus, Museu da República, 2002. p. 15.

⁴ Cf. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. 102 p.

⁵ Id. ibd. p. 77-80.

⁶ Id. ibd. p. 83.

⁷ Id. ibd. p. 89.

⁸ COELHO, Teixeira. A revolução silenciosa. mais! Folha de São Paulo, São Paulo, 2 nov. 2003. p. 11.

uma prerrogativa de culturas tradicionais. A fabricação da cotidianidade, a formação de hábitos, a absorção naturalizada de leis sociais são medidas domesticadoras do estranhamento. (...) O “estar em casa” possui uma narratividade poética de significação simbólica, aquela redondeza do reconhecimento que Lukács definiu como sendo a épica do mundo onde o indivíduo e sua comunidade compartilham de um mesmo *ethos*⁹.

Nosso objetivo é compreender de que forma a mídia atua no sentido da fabricação dessa cotidianidade, desse sentimento do “estar em casa”, desse *ethos* que gera a sensação de pertencimento, através da cumplicidade. Sabemos que, cada vez mais, os meios de comunicação constroem nossa maneira de perceber o mundo, portanto, nossa relação com o espaço urbano é permanentemente mediada pelos textos, sons e imagens da indústria cultural. Nesta investigação específica, estamos analisando a relação entre mídia, cultura e representação da cidade, na década de 1970, fazendo uma detalhada pesquisa da imprensa, no referido período, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

A história e os sentidos do lugar

A cidade surgiu às margens do rio Paraibuna e do Caminho Novo, estrada aberta pelos bandeirantes para o escoamento das riquezas das Minas Gerais, no final do século XVIII. Ponto de parada de tropeiros, expandiu-se com o plantio do café, que fixou o homem ao solo. No século XIX, foi uma das regiões de Minas que mais teve escravos, num modelo de economia tipicamente agrária, que deu origem a uma poderosa aristocracia rural. Mesmo assim, após a abolição da escravatura, Juiz de Fora não caiu em letargia, transformou-se em importante entreposto industrial e comercial, numa das mais importantes cidades de Minas. Sua localização privilegiada, o fato de ser servida por moderna malha rodoviária e ferroviária, a forte presença de imigrantes que se transformaram em empreendedores, a disponibilidade de capital oriundo da atividade agrícola e do comércio, dentre outros fatores, colaboraram para que Juiz de Fora não entrasse em processo de estagnação, na virada para o século XX. Mas outros fatores, três décadas mais tarde, dentre eles, a falta de representatividade política, a complicada relação com Belo Horizonte, mais distante e absorvendo maiores investimentos, a capital que, de certa forma, “usurpou o trono” de Juiz de Fora, falaram mais alto, deixando a cidade sem rumo e perdida. No final do século XX, ícones do capitalismo do passado já tinham desaparecido: a Companhia Mineira de Eletricidade foi estatizada, o Banco de Crédito Real, privatizado, a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas foi à falência¹⁰. A cidade das indústrias se transformou, como tantos outros centros urbanos, em pólo de prestação de serviços. Na tentativa de se “modernizar”, a cidade tentou atrair novos investimentos, alguns deles, de capital transnacional, como a fábrica da alemã Mercedes Benz, hoje, Daimler Chrysler. A introdução de capital estrangeiro, regado a imensas regalias fiscais, pouco diminuiu as

⁹ JAGUARIBE, Beatriz. Fins de século: viagens no cosmopolitismo e na globalização. MENEZES, Philadelpho (org.). *Signos plurais: mídia, arte e cotidiano na globalização*. São Paulo: Experimento, 1997. p.76.

¹⁰ Para maiores informações sobre a história econômica da cidade, uma leitura recomendada é a da HISTÓRIA econômica de Juiz de Fora (subsídios). Juiz de Fora: Instituto Histórico e Geográfico, 1987.

dificuldades que a cidade enfrenta, em termos, por exemplo, de desemprego e defasagem social. O governo municipal patrocinou a realização do Planejamento Estratégico, publicado em 2000, que pretende orientar o futuro da cidade, mas, apesar de ter sido elaborado por diversos segmentos da comunidade, dentre eles, representantes da mídia, o planejamento deve ser entendido como um dos olhares possíveis sobre o espaço urbano, não o único.

Curiosamente, como tantos outros municípios brasileiros, Juiz de Fora vive um momento único, em que a cidade tem discutido nas mais diversas instâncias, em especial nas áreas acadêmica e na imprensa, a sua vocação econômica, urbanística e cultural. De um lado, reside o saudosismo pelo pioneirismo industrial, de outro, uma angústia diante do mundo muito mais complexo e competitivo do capitalismo global. No atual contexto histórico, observamos a crise das identidades que davam suporte à noção de pertencimento do sujeito frente ao meio social, como gênero, classe e nacionalidade. A comunicação, em nosso ponto de vista, ocupa um lugar de destaque na tentativa da compreensão da fragmentação das “velhas” identidades e na construção de “novas”, se é que elas são construídas. É dentro de uma perspectiva comunicacional, que pretendemos investigar a questão identitária do espaço urbano, levando em consideração que a cidade é um palco privilegiado dos conflitos da modernidade e pós-modernidade.

Interessa-nos, neste artigo, avaliar de que forma os meios de comunicação representam a cidade de Juiz de Fora. Citando o crítico de cinema Serge Daney¹¹, Janice Caiafa sugere que a comunicação pode ser um instrumento extremamente relevante para os estudos sobre a cidade e mostra como, nos Estados Unidos, por exemplo, a televisão colaborou para a “autonomização do subúrbio familiar”, daquele *modus vivendi* que se tornou típico das cidades americanas (com exceção de Nova York), em que há um verdadeiro “despovoamento” do centro em favor dos subúrbios¹². No caso de Juiz de Fora, a mídia funcionaria como catalisadora de experiências coletivas ou agiria como um “meio fantasmático”, isolando o cidadão no seu mundinho privado e particular, gerando aquilo que Janice Caiafa denomina de “anti-cidade”¹³?

Para traçar um retrato inicial da cidade, escolhemos como campo de pesquisa a Juiz de Fora dos anos 1970, palco de intensa repressão política, mas, ao mesmo tempo, celeiro de criatividade e cenário de movimentos culturais inovadores. Na fase atual da pesquisa, estamos investigando como o jornal de maior circulação no período, comprometido com a elite econômica e política, “desenhava” a cidade no imaginário de seus leitores. É uma parte inicial deste levantamento, resultado de pesquisa nos arquivos da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, que pretendemos reproduzir aqui, com o objetivo de uma primeira reflexão sobre o estudo objetivado.

¹¹ DANEY, Serge. Ciné-Journal 1981-1986. Paris: Cahiers du Cinéma. *Apud* CAIAFA, Janice. Povoar as cidades. Fronteiras – estudos midiáticos. Rio Grande do Sul: Universidade do Vale dos Sinos. Vol. III. N.2, dez. 2001. p. 124.

¹² CAIAFA, Janice. Povoar as cidades. Fronteiras – estudos midiáticos. Rio Grande do Sul: Universidade do Vale dos Sinos. Vol. III. N.2, dez. 2001. p. 127.

¹³ Id.Ibd. p. 128.

Juiz de Fora: o cenário dos anos 1970

O Brasil está imerso nos piores anos da ditadura militar. Juiz de Fora, lugar de onde partiu o general Olímpio Mourão Filho, em março de 1964, com destino ao Rio de Janeiro, deflagrando a Revolução, é uma cidade decidida a resgatar o desenvolvimento de outros tempos. Afinal, na década do “Brasil Grande”, quantidade é documento e Juiz de Fora, que já tinha sido a décima-quinta cidade brasileira em população – nos anos 1940 –, amarga, em 1970, um mísero vigésimo quarto lugar, com 218.832 habitantes¹⁴.

Na década da moda *unisex*, dos fumantes de Minister (“para quem sabe e quer mais”), dos modernos SP1 e SP2 da Volks, de Cláudia Cardinale vendendo Lux, enfim, do homem no espaço, o mundo parece estar entrando definitivamente na era da tecnologia e do consumo em larga escala. Mas a América Latina é palco de seqüestros de aviões e de grande instabilidade política, convivendo com ditaduras militares, perseguições, censura, tortura e morte. O Brasil é governado pelo general Emílio Garrastazu Médici, que domina a nação pela força do Ato Institucional nº5. O país deixa o estigma de nação agrária para começar a se afirmar na sua urbanidade. Se, no Censo de 1960, o Brasil ainda era um país essencialmente agrícola, com mais da metade da população morando no campo, em 1970, a população urbana tinha crescido 65%, enquanto as massas rurais não passaram de um parco crescimento de 6,5%, com isso, mais da metade dos brasileiros se tornaram cidadãos urbanos¹⁵.

Na Juiz de Fora de 1970, as pessoas fazem compras no supermercado Mercê e almoçam com a família na Churrascaria Palácio. Cerveja, na cidade, é o Choppinho José Weiss, e refrigerante, o guaraná Americana. No centro, ainda tem bonde. Rádio faz mais sucesso que TV e a Tupi ainda é muito mais conhecida que a Globo. A cidade é governada pelo engenheiro Itamar Franco, do MDB, que faz grandes obras de infraestrutura. Juiz de Fora tem uma Universidade Federal e acompanha as primeiras discussões sobre a instalação de grandes empresas na região. Em 1970, chega à cidade o primeiro computador, um modelo 1401 da IBM, que vai ocupar todo o quinto andar do prédio do tradicional Banco de Crédito Real.

Curioso é observar que a cidade que abrigava a tensa rotina dos julgamentos políticos, nas dependências da Auditoria da 4ª Região Militar, dá espaço a um leque extremamente variado de atividades culturais. Juiz de Fora tem, em 1970, doze cinemas, vários grupos de teatro amador, um Salão Oficial de Belas-Artes, o Festival de Música Popular, com fases local e nacional, o Festival Universitário, dentre muitos outros eventos. Grupos de professores e alunos têm o hábito de se reunir para discutir filosofia, sociologia, literatura, cinema e política, apesar da censura e da repressão.

A imprensa e a cidade

Se o pioneirismo industrial foi a marca da cidade na virada do século XIX para o XX, já em meados do século passado, Juiz de Fora era uma cidade de funcionários

¹⁴ A cidade cresceu: de 70.849 habitantes, em 1940, passou para 218.832, em 1970, mas sua posição no ranking nacional caiu de 15º para 24º lugar. Dados obtidos em exemplar da revista Realidade, de maio de 1972.

¹⁵ Cf. A VIDA dura em Minas. Realidade. São Paulo: Editora Abril, maio 72, p. 111.

públicos, pequenos comerciantes e profissionais liberais, conseqüentemente, nesta época, a imagem mais evidente de Juiz de Fora é o seu apego à tradição. Bom exemplo disso é este depoimento do jornalista Fernando Gabeira, natural da cidade, logo que retornou do exílio, no final da década de 1970:

Nasci e me criei num bairro operário, mas sou de classe média; meu pai era um pequeno comerciante e sempre desejou que nós fôssemos muito bem educados e tivéssemos as condições que ele não conseguiu ter. Então me preparou para ser um funcionário do Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil naquela época era a perspectiva mais interessante que a gente tinha. Nesse sentido, eu sou tudo aquilo que meu pai não quis que eu fosse. Quer dizer, ele dizia que detestava que as pessoas fossem poetas, jornalistas e ficassem de noite nos botequins. Eu não saía dos botequins, era poeta e jornalista¹⁶.

Não é à toa que, no extenso levantamento feito por Bernardo Kucinski sobre a imprensa alternativa ou nanica que floresceu, no Brasil, entre 1964 e 1980, não figure nenhum impresso publicado na cidade.

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Inclusive de seu aparente sucesso, durante o chamado “milagre econômico”, de 1968 a 1973. Destoavam, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, gerando todo um discurso alternativo. Opunham-se por princípio ao discurso oficial¹⁷.

Mas, consultando via *web* a *Enciclopédia da Imprensa Brasileira Alternativa*¹⁸, que reúne nominalmente cerca de 2020 publicações, conseguimos identificar um nanico juizforano com o nome de *Aqui Ó*, além do *Bar Brazil com Z de Zorro*, este último, mais conhecido, tinha o formato de um coletivo de poesias, era rodado no mimeógrafo do Colégio Magister, e, mais tarde, foi confeccionado pelos estudantes da Universidade Federal. A distribuição era gratuita. Na década de setenta, também circulou na cidade, segundo depoimento do jornalista Renato Henrique Dias, o jornal semanal *O Sete*, idealizado pelos jornalistas Ivanir Yasbeck e José Carlos de Lery Guimarães. Dias afirma que o semanário lembrava muito o tom satírico do carioca *Pasquim*. Ele se recorda de uma charge de primeira página, que fazia gozação com uma das decisões do então prefeito Itamar Franco, que queria tornar navegável o rio Paraibuna, que corta a cidade. “A ilustração mostrava um grande transatlântico navegando no rio e isso deu a maior confusão”, lembra o jornalista. Infelizmente, nos arquivos públicos, não se tem acesso a esses exemplares, que terão que ser investigados em coleções particulares. De qualquer forma, considerando-se o tamanho e a influência de Juiz de Fora, chama a atenção o fato da imprensa alternativa ter sido tão pouco expressiva nos anos 1970, na cidade.

¹⁶ HOLLANDA, Heloísa Buarque, MESSEDER, Carlos Alberto. Quatro posições: Fernando Gabeira, Caetano Veloso, Ferreira Gullar e Gláuber Rocha /patrolhas ideológicas. GASPARI, Elio, HOLLANDA, Heloísa Buarque, VENTURA, Zuenir. 70/80 Cultura em trânsito – da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. p. 126.

¹⁷ Cf. KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 13.

¹⁸ <http://www.blocosonline.com.br/editora/edienciclopp.htm>. Consulta feita em 15/04/04.

Nesta época, o *Diário Mercantil* é o principal jornal de Juiz de Fora, seu principal formador de opinião¹⁹. Diariamente (com exceção das segundas-feiras), circula com oito páginas, e é vendido nas bancas ao preço de NCr\$ 0,20. A formatação do jornal pode ser assim descrita: p. 1 – Manchetes; p. 2 – Editoriais, Coluna política, Efemérides juizforanas; p. 3 – Extra (coluna de variedades de Décio Cataldi), Sociais (coluna não assinada com datas de aniversários, casamentos, falecimentos, etc.), Trovariando (coluna de trovas), A Igreja em Marcha (coluna com informações exclusivas da Igreja católica), Só mulher (coluna assinada pelas jornalistas Margarida e Mariléa); p. 4 – Polícia e/ou Geral; p. 5 – Cultura, Contexto (coluna com informações mais voltadas para os jovens, assinada pelo editor do jornal, Irven Cavaliere), Canto de página (coluna assinada por Cosette de Alencar), às vezes, alguma matéria especial da Editoria de Política; p. 6 – Esporte; p. 7 – Esporte; p. 8 – Polícia e/ou Geral. É interessante que se observe a importância dada aos artigos de opinião e assinados, veiculados na p. 5. Matérias sobre Cinema eram escritas por Antônio Augusto; Música estava a cargo de J. C. Moreira; Teatro, José Luiz; Livros e Letras, Cosette de Alencar; Coluna Jovem, A. Parpinelli; Artes Plásticas, Jacqueline Tesnière e Wagner Corrêa de Araújo. É comum a página 5 reproduzir um conto, uma poesia ou crônica. Dentre os colaboradores frequentes da página está Paulino de Oliveira, um dos grandes cronistas do período.

Fazendo parte do conglomerado dos *Diários Associados*, o jornal juizforano exibe em suas notícias diárias uma postura totalmente pró-governamental. São comuns as manchetes de primeira página que falam de seqüestros de aviões comerciais e de representantes diplomáticos, num tom geralmente alarmista, em que os elementos da esquerda são usualmente travestidos de “inimigos do país”, bem na linha do *slogan* comum na época “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Bom exemplo sobre isto é o *lead* desta matéria da primeira página que mostra a intranqüilidade que as ações da luta armada geram nos jogadores da Seleção, em plena Campanha pelo Tri, no México: “Causou profundo impacto na Seleção as notícias chegadas ao México sobre o seqüestro do embaixador alemão. Pelé, Brito, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus brasileiros, traidores e criminosos, venham quebrar a tranqüilidade e o entusiasmo da Seleção”²⁰.

A posição do jornal é endossada por muitos de seus colunistas, quando o assunto é política. Basta observar este trecho da Coluna *Canto de Página*, de Cosette de Alencar:

Não há lugar, no momento, para outra coisa que não seja a chamada “imagem do Brasil” no exterior. Consta que há uma campanha soez contra nosso País, campanha naturalmente financiada pelos que se viram prejudicados pela guinada heróica por nós dada em 1964. Vencidos aqui dentro, êstes inimigos do Brasil entregam-se, agora, à vileza de uma trama

¹⁹ O *Diário Mercantil* foi fundado em 23 de janeiro de 1912, por dois dos mais poderosos políticos da época, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Penido. Em 1932, o jornal foi vendido aos *Diários Associados*, tendo aí permanecido até o seu fechamento, em 1982. No início da década de 70, a Organização de Emissoras e *Diários Associados* possuía 75 empresas de rádio-jornalismo espalhadas por todos os estados do Brasil. Em Juiz de Fora, os *Diários Associados* eram donos do *Diário Mercantil*, do *Diário da Tarde* e da *Rádio Sociedade*.

²⁰ TERRORISTAS deixam carta na igreja. *Diário Mercantil*, n. 17.130, 13 jun. 70, p. 1.

contra o bom nome do País, a ponto de conseguirem preocupar as autoridades brasileiras. (...) Começando por forjar um espantoso genocídio brasileiro, nossos inimigos, tão logo viram desmoralizada esta acusação estapafúrdia, criaram tópicos novos: a tortura dos presos políticos, a perseguição ao clero católico, a ditadura violenta governando o país garroteado²¹.

Muitas das informações reproduzidas pelo jornal são compradas de agências de notícias e reforçam o imaginário popular quanto à ação da esquerda no sentido de destruir as mais tradicionais instituições do país:

Agentes da Delegacia Regional de Polícia Federal, no Ceará, efetuaram a apreensão de farta documentação subversiva, dentre a qual uma que preconiza a destruição da Igreja através da infiltração de elementos terroristas no seu seio, conforme transcrição feita do documento “Li Wei Han” do Partido Comunista Chinês, intitulado “Como destruir a Igreja católica em qualquer país do mundo”²².

É comum que na primeira página leiam-se notícias sobre presos políticos que renegam a sua atuação na luta armada. Este é o caso do depoimento de Hans Rudolf Jakob Mans, 48 anos, suíço, do PCB, preso em novembro de 1969 e que, no dia 4 de novembro de 1970, fez para a imprensa a leitura de seu manifesto de rompimento com a subversão: “Seja a subversão orientada por Havana, Moscou ou Pequim, toda ela visa o fim de aguilhoar o povo para submetê-lo aos interesses da ditadura comunista. Pouco importa o método que aplicam: todos visam o mesmo fim”²³. As palavras do preso político são uma poderosa arma de propaganda nas mãos da ditadura militar que, no final de 1970, exacerba a perseguição inclusive aos intelectuais. O manifesto de Mans é veiculado na imprensa, na mesma semana em que são presos no Rio, acusados de subversão, Leila Diniz, Ziraldo, Paulo Francis e Luiz Carlos Maciel, dentre muitos outros.

São comuns as notícias de julgamentos de presos políticos, muitos dos quais acontecidos na cidade de Juiz de Fora, nas instalações da Auditoria da Quarta Região Militar. “Teve início, hoje, na Auditoria da Quarta Região Militar, o sumário de culpa dos 18 envolvidos nas atividades subversivas da chamada “Ala Vermelha”, que, no ano passado, tiveram participação ativa na distribuição de folhetos anti-governistas em Minas Gerais”²⁴.

Ao mesmo tempo que a cidade vive sob o signo da repressão e do medo, o jornal reflete bem o momento em que a velha Manchester Mineira, que se notabilizou no início do século XX por seu parque industrial, mais especificamente, a indústria têxtil, tenta reencontrar essa vocação urbana perdida, dentro de um novo conceito desenvolvimentista típico do governo militar, que propagava a idéia de um “Brasil Grande”. No final de 1970, surgem, no diário juizforano, as primeiras notícias sobre a instalação, na cidade, de uma grande siderúrgica, a Mendes Júnior, que seria capaz de redimir Juiz

²¹ ALENCAR, Cosette. Da imagem do país. Coluna Canto de página. Diário Mercantil, 27 out.70, p. 4.

²² DOCUMENTO subversivo apreendido preconiza destruição da Igreja. Diário Mercantil, n. 17.259, 12 nov. 70, p. 1.

²³ “GERÔNIMO” renuncia subversão. Diário Mercantil, n. 17.253, 5 nov. 70, p. 1.

²⁴ HOJE, o sumário de culpa da Ala Vermelha. Diário Mercantil, 4 dez.70, p. 6.

de Fora de todos os seus males. A principal manchete do dia 5 de dezembro chama a atenção para o valor do futuro investimento: “Mendes Júnior’ investirá 40 milhões de dólares”²⁵. Cinco dias depois, outra manchete ufanista anunciava a instalação de uma fábrica que nunca chegaria à cidade: “Mitsui se instala em JF em 24 meses”²⁶.

A idéia de modernização contamina o jornal, um ainda vetusto diário em preto e branco, rodado em linotipo, com poucas fotos, raríssimas ilustrações e muito texto. A tentativa de dar um ar mais leve ao periódico e conquistar o leitor mais jovem pode ser observada no texto de lançamento da seção “Contexto”:

Entramos no CONTEXTO. A moda é notícia miúda, curta e séria. Então, vamos de CONTEXTO. O importante é ficar inserido nêle para sempre informar e do melhor modo possível.

Aliás, a dinâmica do novo jornalismo é isto. Vocês podem ver nos maiores e nos melhores periódicos brasileiros que o assunto é CONTEXTO. Aqui desfilarão as coisas mais interessantes do dia-a-dia de uma cidade, como Juiz de Fora, com as características locais. A crítica, quando necessário, mas em linguagem de comunicação, para você entender. É uma equipe de jovens jornalistas, com mentalidade nova e que quer apresentar alguma coisa de novo. É uma forma nova de dirigir mensagem. De comunicar, enfim, integrando-se no CONTEXTO.

Todos os dias, então, com vocês, tanto quanto possível, esta nova página: CONTEXTO²⁷.

O projeto de modernização do texto, mais coloquial, objetivo, direto, parece ser uma nova preocupação no jornal nos idos de 1970. Apesar de extremamente conservador em seus conteúdos, o *Diário Mercantil* introduz mudanças significativas na linguagem, principalmente nas páginas e nos suplementos de cultura. Mesmo nos anos mais duros da ditadura militar, o jornal discutiu a cultura de forma ampla e engajada. Se por um lado o diário defendia a Censura prévia, como forma de “impedir licenciosidades e atentados aos costumes”²⁸, por outro, era capaz de apresentar matérias sobre artistas quase malditos como Gláuber Rocha, Godard e Buñuel. A seção *Contexto* terá vida curta, somente aparecerá com este nome até meados de julho de 1970, apesar disso, as matérias de cultura continuarão a aparecer com regularidade nas páginas 4 ou 5 do *Diário Mercantil*.

Cultura como resistência

O grande espaço de resistência dentro do jornal é o suplemento de cultura *Arte e Literatura*, que circulava sempre aos domingos, editado pelo artista plástico João Guimarães Vieira, o Guima, que fazia todas as ilustrações das duas páginas. No suplemento do dia 13 de agosto de 1970, por exemplo, *Arte e Literatura* trazia a poesia *Pesca*, de Affonso Romano de Sant’Anna, a coluna *Rodapé dominical*, de Cosette de Alencar, com a crônica *Só*, o conto *Pequeno conto n.1*, de Lúcia Freire, e uma página

²⁵ “MENDES JÚNIOR” investirá 40 milhões de dólares. *Diário Mercantil*, n.17.279, 5 dez.70, p.1.

²⁶ MITSUI se instala em JF em 24 meses. *Diário Mercantil*, n.17.282, 10 dez.70, p.1.

²⁷ CAVALIERI, Irven. Contexto. *Diário Mercantil*, 6 mar. 70, p. 5.

²⁸ DEPARTAMENTO de pesquisa. A propósito da censura prévia. *Diário Mercantil*, 7 mar. 70, p.5.

inteira, feita por duas estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e Letras de Universidade Federal de Juiz de Fora sobre Literatura, entrevistando três colaboradores do *Diário Mercantil*, José Paulo Netto, Eugênio Malta e Gilvan Procópio Ribeiro²⁹. É curioso que se observe que todos os três intelectuais tinham vinculações, alguns mais claras, outros mais veladas, com partidos de esquerda.

O suplemento de cultura do DM foi o espaço de discussão do que havia de novo na cidade. Na ótica de Bernardo Kucinski, que considerava duas classes de jornais (alternativos): os predominante políticos e os que rejeitavam a primazia do discurso ideológico e tinham suas raízes nos movimentos de contracultura norte-americanos³⁰, o suplemento literário do jornal de Juiz de Fora estava mais próximo ao primeiro grupo, pela presença de colaboradores engajados direta ou indiretamente no ativismo político e que viam a cultura como meio de intervenção social, isto é, acreditavam numa arte engajada, num modelo nacional-popular³¹.

Apesar das dificuldades técnicas de se fazer jornal nos anos 70, é notável o esforço do *Diário Mercantil* em produzir material de qualidade. O jornal sempre saía aos domingos com o *Suplemento de Automóveis* e tinha por hábito lançar cadernos especiais em datas consideradas de importância, como o aniversário da cidade. O *Suplemento de Natal* é outro bom exemplo. Apesar de uma maioria de matérias mais sisudas e tradicionais, o *Suplemento* abria espaço para crônicas de Raquel de Queirós, Carlos Heitor Cony e Manuel Bandeira. Em 1971, inovando uma vez mais, o *Diário Mercantil* lançaria o suplemento semanal *DM-Júnior*, às quartas-feiras, destinado em especial ao público jovem.

Outra característica marcante do diário é o fato de serem encontradas muitas matérias de esporte, que privilegiavam as equipes locais, quase todas amadoras. A cobertura da rivalidade entre os times de vôlei dos clubes da cidade é típica desse período, como também as matérias de grandes eventos estudantis como as Olimpíadas Universitárias. É curioso observar-se como, hoje, os editores de página dos jornais locais reclamam que há uma cobrança intensa por parte dos leitores para a cobertura dos eventos esportivos nacionais ou das grandes capitais, quando, em 1970, mesmo o Tri-Campeonato Mundial de Futebol foi manchete em apenas algumas edições do *Diário Mercantil*, isto é, o noticiário local, na cobertura esportiva, tinha ampla predominância sobre as notícias nacionais e internacionais.

Algumas considerações a título de conclusão

É instigante se observar a força da mídia impressa, no início da década de 70, numa cidade como Juiz de Fora. Apesar de todas as dificuldades na elaboração de um jornal diário, que contava com pouquíssimos recursos técnicos, havia uma cobertura jornalística extremamente voltada para a cidade, para as suas discussões mais

²⁹ Cf. Arte e Literatura. *Diário Mercantil*, 13 ago.70. Caderno 2, p.2-3.

³⁰ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. Op. cit. p. 14-15.

³¹ A crítica ao imperialismo era latente, especialmente entre a geração mimeógrafo, que utilizava veículos alternativos, como foi o boletim de poesia "Bar Brazil", que circulou com apenas duas edições, nos idos de 1976, em Juiz de Fora.

prementes. Chama a atenção em especial o trabalho da editoria de cultura, que possibilitava dar vazão às principais questões da época, estabelecendo um espaço primoroso para a crítica e para a publicação do trabalho de autores consagrados e de novos autores, ainda universitários. Em meados da década de setenta, as matérias de comportamento passam a ter maior presença no DM, diminuindo o espaço para a crítica, mesmo assim, a produção cultural da cidade sempre ocupou um espaço nobre no jornal.

Na questão política, apesar da Censura prévia, o velho *Diário Mercantil* destinava um espaço importante para a cobertura da política local e também das questões estaduais e nacionais. Neste caso, o jornal se afinava com a linha dura da ditadura militar, mas se equilibrava para garantir espaço para o prefeito de oposição, Itamar Franco, do MDB. O jornal era um porta-voz das elites regionais, que exigiam do governo central mais compromisso com o desenvolvimento do Sudeste Mineiro, numa perspectiva de grandes obras e urbanização. Apesar de documentar, por exemplo, a destruição do patrimônio histórico, o *Diário Mercantil* se rendeu aqui ao discurso do poder central, colaborando para sedimentar uma visão de mundo desvinculada da memória e do passado e comprometida apenas com o futuro do “Brasil Grande”.

Apesar do alinhamento político e mesmo dependendo da receita publicitária, o DM nos parece ter sido um veículo mais caracterizado por uma postura ideológica, em comparação aos veículos atuais, mais comprometidos com a questão mercadológica. Neste sentido, é sintomática a presença de articulistas, cronistas, poetas e contistas nas páginas do jornal, que fez da cultura espaço de resistência e polêmica, como nos *Manifestos palimpsestos*, publicados em 1968, e que faziam uma crítica contundente da *alta cultura* juizforana. O jornal, neste sentido, traduzia de forma muito clara a identidade (em trânsito) do lugar. A partir dos anos setenta, com o crescimento da audiência da televisão e a concorrência de outras mídias, além do vazio cultural promovido pela cassação de mandatos políticos, prisões e exílio, o jornal parece deixar de ser a referência para a construção do imaginário da cidade. Mas, até o momento, é possível dizer, como fez Serge Daney, que se Nova Iorque é uma eterna cidade do cinema, Tóquio, uma cidade da televisão e Moscou é ainda uma cidade do século da pintura³², talvez, Juiz de Fora seja uma cidade do jornal. Possivelmente, nenhum outro veículo tenha conseguido representar tão bem o espírito (burguês conservador) da cidade.

Referências

A VIDA dura em Minas. *Realidade*. São Paulo: Ed. Abril, maio 1972.

ALENCAR, Cosette. Da imagem do país. Coluna Canto de página. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, 27 out. 70.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos estudos*, São Paulo: Cebrap, n. 49, nov. 97.

³² Cf. DANEY, Serge. 1986. *Ciné-Journal* 1981-1986. Paris: Cahiers du Cinéma. *Apud* CAIAFA, Janice. Povoar as cidades. Op. cit. p. 1.

ARTE e literatura. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, Caderno 2, 13 ago. 70.

CAIAFA, Janice. Povoar as cidades. *Fronteiras: estudos midiáticos*. São Leopoldo, RS: Universidade do Vale dos Sinos, vol. III, n.2, 2002.

CAVALIERI, Iruen. Contexto. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, 6 mar. 70.

COELHO, Teixeira. A revolução silenciosa. Mais! *Folha de São Paulo*. São Paulo, 2 nov. 2003.

DEPARTAMENTO de pesquisa. A propósito da censura prévia. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, 7 mar. 70.

DOCUMENTO subversivo apreendido preconiza destruição da igreja. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, n. 17.259, 12 nov. 70.

GASPARI, Elio, HOLLANDA, Heloísa Buarque, VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

“GERÔNIMO” renuncia subversão. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, n. 17.253, 5 nov. 70.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A.

HARDT, Michael, NEGRI, Antônio. Globalização e democracia. PACHECO, Anelise, VAZ, Paulo (orgs.). *Vozes no milênio: para pensar a globalização*. Rio de Janeiro: Gryphus, Museu da República, 2002.

HOJE, o sumário de culpa da Ala Vermelha. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, 4 dez. 70.

JAGUARIBE, Beatriz. Fins de século: viagens no cosmopolitismo e na globalização. MENEZES, Philadelpho (org.). *Signos plurais: mídia, arte e cotidiano na globalização*. São Paulo: Experimento, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

“MENDES JÚNIOR” investirá 40 milhões de dólares. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, n. 17.279, 5 dez. 70.

MITSUI se instala em JF em 24 meses. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, n. 17.282, 10 dez.70.

TERRORISTAS deixam carta na igreja. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, n. 17.130, 13 jun. 70.